

ARTE RUPESTRE E PAISAGEM: O REGISTRO RUPESTRE COMO FONTE DE ESTUDO DAS RELAÇÕES ENTRE POPULAÇÕES PRÉ-HISTÓRICAS E O MEIO AMBIENTE NO CARIRI OCIDENTAL PARAIBANO¹

Francisco de Assis Soares de Matos²
Universidade Federal da Paraíba
fsmatos19@yahoo.com.br

Thiago Fonseca de Souza³
Universidade Federal da Paraíba
fonseca_pb@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O conceito de fonte histórica sofre uma grande expansão com o advento da escola dos *Annales* (1929) outros materiais que não somente os arquivos e documentos são considerados fontes históricas. “Essa nova história começa a se interessar por virtualmente toda a atividade humana” (BURKE, 1992, p. 11). Dentro dessa expansão surgem novos pontos de abordagem para o historiador, a exemplo da cultura material, a qual, abordada pela Arqueologia, fornecesse dados que podem ser trabalhados pelos historiadores. Outra expansão diz respeito ao âmbito das relações entre o homem e a natureza, como expressa Braudel na sua obra prima “O Mediterrâneo”, com a concepção de que o ambiente molda o homem. Outros autores provenientes desse movimento também enveredaram por esse campo, a exemplo de Marc Bloch e Lucien Febvre, que posteriormente viria a ser denominado de História Ambiental. Diante desse quadro, e mais recentemente, na metade do século XX, com a emergência das discussões sobre impactos ambientais, a História Ambiental ganha corpo (BARRAQUI, 2011).

Esse novo ponto de abordagem histórica vem romper com a dicotomia estabelecida entre homem e natureza, onde as relações entre o homem e o meio ambiente são vistas não mais num sentido de considerar o primeiro como moldado pelo segundo, *Determinismo*. A relação é agora entendida como uma via de mão dupla como

¹ Trabalho resultante da pesquisa PIBIC, desenvolvida na vigência 2010-2011, sobre a orientação do Prof. Dr. Carlos Xavier de Azevedo Netto.

² Estudante de Graduação em História e bolsista PIBIC/CNPq, UFPB, João Pessoa-PB.

³ Estudante de Graduação em História e bolsista PIBIC/CNPq, UFPB, João Pessoa-PB.

a natureza afeta o homem, e inversamente como a natureza é afetada pelo mesmo (WORSTER, 1998).

Diante dessa perspectiva a História vai traçar relações com outras ciências para tratar desses novos campos, dentre as mesmas podemos destacar a Geografia, a Antropologia e especificamente a Arqueologia.

A arqueologia trabalha diretamente com os vestígios da cultura material de populações pré-históricas e históricas. Ao trabalhar esses vestígios, principalmente no que concerne a sua espacialidade, observa-se a aproximação que existe entre a disciplina e as questões ambientais (AZEVEDO NETTO, e KRAISCH 2007).

No estudo das populações pré-históricas a cultura material torna-se de fundamental importância. Nesse sentido a arte rupestre, enquanto parte da cultura material, abordada através da arqueologia da paisagem é de suma importância para as abordagens desses grupos, sobre vários aspectos, principalmente no que concerne ao relacionamento dos mesmos com a paisagem em que habitavam, e as relações que mantinham com a mesma, seja de cunho simbólico, ocupação territorial, e entre outros pontos. Não só essas particularidades podem ser inferidas através da arte rupestre, outras informações podem ser obtidas através dessas manifestações, pois se configuram como uma fonte de informação de estruturas e comportamentos socioculturais e cognitivos (AZEVEDO NETTO, 1998), na medida em que representa o contexto social, simbólico, cultura, em que essas populações estavam inseridas.

Com isso, o tratamento da arte rupestre encontrada na região do Cariri Ocidental paraibano, sobre uma ótica interdisciplinar, pode fornecer informações substanciais sobre as populações que ocuparam aquela região em tempos pretéritos e que foram responsáveis por essas manifestações, seja a relação das mesmas com o meio natural, a dispersão dessas populações no território, entre outras informações.

O Patrimônio Arqueológico Paraibano representa uma dualidade nos tempos atuais com uma imensidão de sítios a serem estudado e registrado, e de contramão uma pesquisa moderada e de pouco investimento. De um modo geral só temos o trabalho de Ruth Trindade de Almeida (1979) e as pesquisas sistemáticas que vem sendo desenvolvidas pelo arqueólogo Carlos Xavier de Azevedo Netto na região, desde o ano de 2005.

Metodologia

A metodologia utilizada no decorrer da pesquisa pode ser dividida em dois momentos. A um primeiro momento fez-se o levantamento bibliográfico com o intuito de obter suporte teórico e conceitual que auxiliasse no tratamento do objeto pesquisado. A um segundo momento, deu-se a análise *in loco* do registro arqueológico tratado, momento esse que se constituiu no processo de localização, descrição e registro dos sítios de arte rupestre abordados, bem como o levantamento fotográfico dos mesmos, essencial no desenvolvimento da pesquisa.

A primeira etapa teve o levantamento bibliográfico, onde se buscou entrar em contato com trabalhos que viabilizasse o desenvolvimento da pesquisa. Bibliografias que tratam do objeto de estudo, no que concerne ao levantamento e relatos de tais manifestações, bem como bibliografias que fornecesse suporte para a discussão dessa cultura material, de forma a auxiliar o tratamento da mesma, segundo suas particularidades e abordagens.

No segundo momento efetuamos processos iniciais de localização, descrição e registro dos sítios através do levantamento das coordenadas UTM, localização do município em que o sítio está inserido e caracterização do contexto ambiental onde o mesmo se encontra. Depois desse processo inicial de localização, descrição e registro dos sítios deu-se a observação das particularidades dos motivos encontrados através da análise do registro fotográfico e a aplicação da tabela tipológica, bem como a inserção dos sítios na paisagem.

Resultados e discussões

O registro rupestre é aqui abordado sobre uma forma simétrica, com relação a outros registros do contexto arqueológico e com a paisagem que estão inseridos. Nesse ponto, as diferentes entidades que se apresentam no contexto arqueológico, devem ser consideradas de forma relacional, procurando minimizar qualquer separação ou oposição radical entre “coisas” e indivíduos, recorrendo a um nivelamento analítico destas várias entidades (WITMORE, 2005, apud AZEVEDO NETTO, 2010). Esta abordagem está dentro da ótica da teoria ator-rede (LATOUR, 1994) a qual considera

que os humanos e “não-humanos” (coisas) estão envoltos “(...) em um emaranhado de redes que fragmentam qualquer solidez em microconexões ou desconexões. Tal emaranhado nos possibilita pensar não mais em termos de unidade, mas a partir de um dinamismo processual e sempre constante de associações” (ALMEIDA NOBRE, e RIBEIRO, 2010, p. 48).

Partindo da teoria Semiótica de Peirce (1997), a qual coloca que em qualquer produto cultural humano está sempre presente a entidade signo. Nesse sentido, segundo Cassirer (1977) “o homem está imerso em um universo simbólico que ele construiu, e que extrapola o espaço de sua experiência imediata” (AZEVEDO NETTO, 2010, p. 01). Com isso, para abordarmos a arte rupestre é preciso ter em mente que a divisão estabelecida no mundo ocidental, entre signo e coisa (ambiente) não se aplica. Devemos analisar os sítios através de uma ótica “pré-moderna”, como coloca Latour (2009). Ou seja, não podemos abordar a natureza fora das relações simbólicas, pois as mesmas determinam o relacionamento dos indivíduos com o ambiente, “abdicar desse caráter simbólico do comportamento humano é abrir mão de compreender como as escolhas foram realizadas, de compreender porque tais abrigos receberam pinturas e não outros, porque os sepultamentos foram realizados naquele sítio e não em outros” (ISNARDIS, e LINK, 2010, p. 44). Nesse caso, percebe-se uma relação entre o signo (grafismos) e a coisa (ambiente).

Essa perspectiva está centrada na arqueologia da paisagem, a qual aborda a paisagem não como um conjunto de elementos que os grupos humanos dependiam, aos quais se adaptavam ou que aprendiam a gerir, mais sim, como um conjunto de elementos resultantes do relacionamento entre homem e meio. Com isso, no estudo da arte rupestre, essa concepção torna-se de grande importância, pois esses são os únicos vestígios que se encontram no local em que foram intencionalmente colocados (ISNARDIS, e LINKE, 2010).

Nesse sentido, e diante dessa peculiaridade do registro rupestre, podemos obter informações das relações dos grupos que realizaram essas manifestações com o contexto ambiental que estavam inseridos em diferentes níveis, seja o nível simbólico, demarcação de territórios, entre outros pontos.

Ao analisarmos o registro rupestre presente na região do Cariri Ocidental paraibano, observa-se que os sítios geralmente encontram-se perto de fonte de água,

intermitentes e/ou temporárias, o que pode inferir alguma relação ritualística ligadas a esses locais. Outro ponto de observação, no que concerne a predominância dessas manifestações perto dessas fontes de água, diz respeito à demarcação desses nichos específicos por parte dos grupos que realizaram essas manifestações. Por fim, esses registros podem fornecer informações quanto à territorialidade⁴ dos grupos realizadores dentro da região do Cariri Ocidental paraibano, haja vista que na arte rupestre “ocorre um processo de sinalização de diferentes nichos em um mesmo ambiente, ou mesmo em ambientes diferentes” (AZEVEDO NETTO, KRAISCH, ROSA, 2007, p. 55), possibilitando a delimitação de territórios dentro de um determinado espaço.

Conclusão

Diante do exposto, a arte rupestre encontrada na região do Cariri Ocidental paraibano se configura como uma fonte de informações sobre as populações indígenas que habitaram a mesma em tempos pré-históricos, e que deve ser tomada como material de trabalho do historiador numa ótica interdisciplinar. Tendo em mente que as fontes de estudos dessas populações são raras, o tratamento dessa cultura material é de fundamental importância para conhecermos um pouco do contexto que essas populações estavam inseridas.

Referências

ALMEIDA, Ruth Trindade de. **A arte rupestre nos cariris velhos**. João Pessoa: Universitária/UFPB, 1979.

AZEVEDO NETTO, C. X. A natureza da informação da arte rupestre: a proximidade de dois campos. In: **INFORMARE**, Rio de Janeiro, v.4, n°. 2, 1998. p. 55-62.

_____. **Arqueologia Simétrica no Semiárido paraibano: uma proposta teórico-metodológica**. Projeto de Pesquisa João Pessoa, UFPB, 2010.

⁴ Para inferir uma noção de territorialidade, com base na cultura material produzida por determinadas populações, é “necessário que os elementos dispostos em determinado registro arqueológico estejam dispersos por uma área passível de circunscrição com recorrências de padrões desses mesmos indícios” (AZEVEDO NETTO, KRAISCH, ROSA, 2007, p. 62). Fato esse, observado no registro rupestre.

_____, C. X; KRAISCH, A. M. P. O. A relação entre História, Memória e Arqueologia: A arte rupestre no município de São João do Cariri. In: **XXIV Simpósio Nacional de História**, Rio Grande do Sul, 2007. Disponível em: <http://www.snh2007.anpuh.org>. Acesso em: julho de 2010.

_____, C. X; KRAISCH, A. M. P. O; ROSA, C. R. Territorialidade e Arte Rupestre – Inferências iniciais a cerca da distribuição espacial dos sítios de arte rupestre na região do Cariri paraibano, in **SAB - Revista de Arqueologia**, Juiz de Fora, 2007. p. 51-66.

BARRAQUI, Douglas. Por uma História Ambiental: a natureza de volta aos braços do homem. Net, Espírito Santo, jan. 2011. Rede Brasileira de História Ambiental. Disponível em: <http://www.historiaambiental.org>. Acesso em: setembro de 2011.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: _____. **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992. p. 07-39.

ISNARDIS, A.; LINKE, V. Pedras pintadas, paisagens construídas: a integração de elementos culturalmente arquitetados na transformação e manutenção da paisagem. **Revista de Arqueologia**, São Paulo, v. 23, n. 1, 2010. p. 41-58.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**; tradução de Carlos Irineu da Costa, Rio de Janeiro, Ed. 34, 1994.

LINKE, Vanessa. **Paisagens dos Sítios de Pintura Rupestre da Região de Diamantina – MG**. Minas Gerais, 2007_ p. Dissertação de Mestrado. UFMG.

MARTIN, Gabriela. **Pré-história do Nordeste do Brasil**, Recife, UFPE, 1997.

NOBRE, J. C. A.; PEDRO, Rosa Maria Leite Ribeiro. Reflexões sobre possibilidades metodológicas da Teoria Ator-Rede. Volta Redonda, dez. 2010. **Cadernos UniFOA**. Disponível em: www.foa.org.br/cadernos/edicao/14/47.pdf. Acesso em: jul. 2011.

PESEZ, Jean-Marie. História da Cultura Material. In: LE GOFF, Jacques. **A História Nova**. 4ª edição. São Paulo: Martins Fonte, 1998. p. 180-202.

WORSTER, Donald. Ed. **The Ends of the Earth: Perspectives on modern environmental history**. Cambridge; New York: CambridgeUniversity Press, 1988. p. 290-291.

